Fomento às Indicações Geográficas e Marcas Coletivas

Volume 2: O Caso da Alta Mogiana



Rubmara Ketzer Oliveira
Eduardo Eugênio Spers
(Organizadores)

EDITORA ARTEMIS
2026

Fomento às Indicações Geográficas e Marcas Coletivas

Volume 2: O Caso da Alta Mogiana



Rubmara Ketzer Oliveira
Eduardo Eugênio Spers
(Organizadores)

EDITORA ARTEMIS
2026

2026 *by Editora Artemis*
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2026 Os autores
Copyright da Edição © 2026 Editora Artemis

O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M.ª Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M.ª Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Profª Drª Rubmara Ketzer Oliveira
	Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers
Financiamento	Este trabalho contou com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2023/10119-7
Imagem da Capa	Profª Drª Rubmara Ketzer Oliveira - Arquivo pessoal
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.ª Dr.ª Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.ª Dr.ª Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.ª Dr.ª Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.ª Dr.ª Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.ª Dr.ª Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuat*o, México
Prof.ª Dr.ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil

Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.ª Dr.ª Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.ª Dr.ª Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal*, Canadá
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona,* Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof.ª Dr.ª Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis,* Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires,* Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnido da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg*, Suécia
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires,* Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia



Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo,* México
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del Pais Vasco, Espanha
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University,* Russia



Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F672 Fomento às Indicações Geográficas e Marcas Coletivas [livro eletrônico] : Volume 2: O Caso da Alta Mogiana / Organizadores Rubmara Ketzer Oliveira, Eduardo Eugênio Spers. – 1. ed. – Curitiba, PR: Editora Artemis, 2026.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-82858-17-8
DOI 10.37572/EdArt_060826178

1. Indicações geográficas. 2. Marcas coletivas. 3. Alta Mogiana (SP). I. Ketzer Oliveira, Rubmara. II. Spers, Eduardo Eugênio.

CDD 341.758

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

PRÓLOGO

Este livro é fruto do Projeto **"Fomento das indicações geográficas para desenvolvimento sustentável no campo: Indicações geográficas, relação custo-benefício para agroalimentos e difusão da prática como forma de agregar valor aos sistemas agrícolas brasileiros"**, desenvolvido na Universidade de São Paulo, por meio da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ/USP), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2023/10119-7.

Os organizadores e autores registram seu reconhecimento e agradecimento à FAPESP pelo apoio institucional e financeiro, fundamental para a realização das pesquisas de campo, visitas técnicas, análises, articulações interinstitucionais e atividades de difusão científica que tornaram possível a construção desta obra. O suporte concedido reafirma a relevância das políticas públicas de fomento à pesquisa para o avanço do conhecimento aplicado ao desenvolvimento territorial sustentável.

As Indicações Geográficas consolidaram-se, nas últimas décadas, como importantes instrumentos de valorização territorial, capazes de articular origem, identidade, produção, cultura, conhecimento tradicional e desenvolvimento econômico. Em países como o Brasil, marcados por grande diversidade ambiental, produtiva e sociocultural, esses mecanismos assumem papel estratégico ao reconhecer singularidades locais, fortalecer arranjos produtivos, estimular a cooperação entre os atores e promover formas coletivas de agregação de valor.

Esta obra dá continuidade às reflexões iniciadas no primeiro volume, dedicado à Serra da Canastra e à experiência de consolidação do Queijo Canastra como produto de origem reconhecida. Se naquele contexto a análise se concentrou nas relações entre tradição, patrimônio cultural, organização produtiva e reconhecimento territorial, o presente volume volta-se à Alta Mogiana, região historicamente vinculada à cafeicultura e reconhecida pela produção de cafés especiais de elevada qualidade.

Ao longo de seus 14 capítulos, este Volume II reúne estudos que analisam a Indicação Geográfica Alta Mogiana sob diferentes perspectivas, integrando contribuições da história, geografia, agronomia, economia, administração, gestão, educação, inovação, sustentabilidade, comunicação e comportamento do consumidor. O conjunto evidencia que uma Indicação Geográfica não se limita à delimitação de um território ou à concessão de um registro formal. Sua consolidação depende da interação entre recursos naturais, conhecimentos produtivos, instituições, estratégias de governança, relações de mercado e significados construídos coletivamente.

Os capítulos iniciais recuperam a trajetória histórica da **Indicação Geográfica Alta Mogiana** a partir da visão de seus pioneiros e do engajamento dos stakeholders que participaram de sua construção. Em seguida, a obra aborda os processos de

uso e ocupação do território, as transformações econômicas e sociais da região e as possibilidades de integração entre cafeicultura, Indicação Geográfica, desenvolvimento territorial e turismo. A caracterização ambiental complementa essa leitura ao apresentar as dinâmicas de uso e cobertura da terra, as condições climáticas e edáficas e os desafios relacionados à conservação dos atributos naturais que sustentam a qualidade e a identidade dos cafés produzidos na região.

Na sequência, o livro amplia a análise para o sistema agroindustrial do café no Brasil, situando a Alta Mogiana em um contexto marcado por transformações produtivas, mudanças regulatórias, exigências socioambientais e novas tendências de consumo. A discussão sobre território, qualidade e reputação demonstra como a origem geográfica, a tradição produtiva e as condições edafoclimáticas contribuem para a diferenciação do café e para a construção de confiança junto ao mercado. A Indicação Geográfica assume, assim, o papel de sinal de procedência e autenticidade, capaz de reduzir incertezas e ampliar o valor percebido dos produtos associados ao território.

Outro eixo central da obra refere-se ao papel das instituições públicas, das entidades de fomento e dos mecanismos de gestão na estruturação e no fortalecimento da Indicação Geográfica. Os capítulos dedicados a essa temática evidenciam que a consolidação da Alta Mogiana resulta de esforços articulados envolvendo regulamentação, assistência técnica, organização dos produtores, formação da governança e preparação dos empreendimentos para o mercado. A aplicação de ferramentas de gestão estratégica permite identificar forças, fragilidades, oportunidades e ameaças, além de propor ações voltadas à ampliação da adesão à IG, à valorização da origem e ao fortalecimento da coordenação institucional.

A governança territorial também é examinada a partir dos desafios decorrentes da sobreposição entre a Indicação de Procedência Alta Mogiana e a Indicação de Procedência Sudoeste de Minas. Essa situação revela tensões entre os limites estabelecidos pelas normas, os vínculos de pertencimento e as identidades construídas historicamente pelos atores locais. Ao mesmo tempo, demonstra que áreas de interseção podem representar tanto riscos de fragmentação institucional quanto oportunidades para a cooperação, o diálogo e a construção de arranjos compartilhados de valorização territorial.

A obra avança na compreensão da Indicação Geográfica como um possível ecossistema de inovação. Nessa perspectiva, sua capacidade de gerar novos conhecimentos, arranjos produtivos e formas de organização depende da qualidade das relações entre os atores, da gestão dos conflitos, da mediação das assimetrias de poder e da construção de objetivos compartilhados. A inovação territorial não decorre automaticamente da certificação, mas da capacidade coletiva de transformar recursos, conhecimentos e vínculos institucionais em novas oportunidades de desenvolvimento.

Nesse processo, a educação profissional ocupa posição estratégica. A formação técnica vinculada às especificidades da cafeicultura regional contribui para integrar conhecimentos científicos e saberes tradicionais, qualificar a mão de obra, fortalecer a identidade produtiva e preparar profissionais para atuar em uma cadeia cada vez mais orientada pela qualidade, sustentabilidade e inovação. A aproximação entre educação, território e sistema produtivo amplia as possibilidades de inserção profissional e contribui para a continuidade dos conhecimentos e práticas associados à cafeicultura da Alta Mogiana.

Os desafios da sustentabilidade são abordados por meio da análise das relações entre Indicações Geográficas, certificações de qualidade, normas voluntárias, neutralidade de carbono e novas exigências ambientais. Os estudos demonstram que esses instrumentos possuem objetivos distintos, embora possam atuar de forma complementar na agregação de valor, na rastreabilidade e na melhoria do desempenho socioambiental da cadeia. A agricultura regenerativa é apresentada tanto como conjunto de práticas voltadas à conservação do solo, da água e da biodiversidade quanto como narrativa de diferenciação e fortalecimento da identidade territorial.

Nos capítulos finais, a obra desloca o olhar para a comunicação e para o consumidor. As narrativas presentes nas embalagens dos cafés especiais revelam como tradição familiar, território, sustentabilidade, qualidade sensorial e afetividade são mobilizados na construção de valor simbólico. O café passa a comunicar não apenas atributos físicos, mas histórias, memórias, paisagens e modos de vida associados à Alta Mogiana. Essa dimensão é complementada pela análise das emoções e motivações envolvidas no consumo, demonstrando que a experiência com o café reúne benefícios funcionais, estímulos sensoriais, lembranças e significados que influenciam a percepção e a valorização do produto.

Ao reunir contribuições de diferentes áreas do conhecimento, esta obra busca não apenas documentar a trajetória da Indicação Geográfica Alta Mogiana, mas também oferecer subsídios teóricos e práticos para pesquisadores, gestores públicos, produtores, associações, cooperativas, instituições de ensino e agentes de desenvolvimento interessados em compreender e fortalecer as Indicações Geográficas no Brasil.

Esperamos que o livro contribua para ampliar o debate acadêmico, apoiar a construção de estratégias coletivas e inspirar novas iniciativas em territórios que compartilham desafios e potencialidades semelhantes.

Rubmara Ketzer Oliveira
Eduardo Eugênio Spers

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 ..... **1**

HISTÓRIA DA IG ALTA MOGIANA NA VISÃO DE SEUS PIONEIROS: UMA ANÁLISE DO ENGAJAMENTO DOS STAKEHOLDERS

Renata A Forato
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261781

CAPÍTULO 2 ..... **9**

USO E OCUPAÇÃO DA REGIÃO ALTA MOGIANA: DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL ATUAL, INDICAÇÃO GEOGRÁFICA E TURISMO

Everlysy dos Santos Messas Valerio
Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz
Carlos Eduardo de Freitas Vian

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261782

CAPÍTULO 3 ..... **26**

CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL E DINÂMICAS DE USO E COBERTURA DA TERRA NA IG ALTA MOGIANA

Rubmara Ketzer Oliveira
Gustavo Verruma Bernardi
Anderson Victor dos Santos
Rosebelly Nunes Marques
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261783

CAPÍTULO 4 ..... **50**

O SISTEMA AGROINDUSTRIAL DO CAFÉ NO BRASIL: PANORAMA, TENDÊNCIAS E DESAFIOS

Sandra Mara de Alencar Schiavi
Marcelo Marques de Magalhães
Ana Elisa Bressan Smith Lourenzani

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261784

CAPÍTULO 5 82

TERRITÓRIO, QUALIDADE E REPUTAÇÃO: A INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA ALTA MOGIANA

Breno Rodrigues Acacio
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261785

CAPÍTULO 6 93

A CONTRIBUIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE GOVERNO E DE FOMENTO PARA A ESTRUTURAÇÃO DA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DO CAFÉ DA ALTA MOGIANA

Francisco José Mitidieri
Antonio Lopes Junior
Benedito Donizetti dos Santos
Carlos Reys Vukomanovi
Francisco Rodrigo Martins
Marcia Cristina de Moraes
Ricardo Moncorvo Tonet
Vivaldo Alberto Viganó
Marcel Azevedo Batista D'Alexandria
João Paulo R. Arciprete
Simone Goldman Batistic Ribeiro

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261786

CAPÍTULO 7 107

GESTÃO ESTRATÉGICA EM INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS: O CASO DA ALTA MOGIANA

Maria Eduarda Fernandes Ignácio
Rubmara Ketzer Oliveira
Anderson Victor dos Santos
Gustavo Verruma Bernardi
Rosebelly Nunes Marques
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261787

CAPÍTULO 8.....**124**

ENTRE A SOBREPOSIÇÃO NORMATIVA E A IDENTIDADE: DESAFIOS DE GOVERNANÇA ENTRE A IP ALTA MOGIANA E A IP SUDOESTE DE MINAS

Marcel Azevedo Batista D'Alexandria
Everlysy dos Santos Messas Valerio
Débora Dias Panicachi
Eduardo Eugênio Spers
Francisco José Mitidieri

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261788

CAPÍTULO 9..... **146**

A IG DA ALTA MOGIANA E A GENERATIVIDADE DOS ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO

Fábio Nazhar
Felipe Mendes Borini
José Afonso Mazzon
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_0608261789

CAPÍTULO 10.....**163**

O PAPEL DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO FORTALECIMENTO DA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA ALTA MOGIANA

Anderson Victor dos Santos
Rubmara Ketzer Oliveira
Gustavo Verruma Bernardi
Rosebelly Nunes Marques
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_06082617810

CAPÍTULO 11.....**178**

SUSTENTABILIDADE NA CADEIA DO CAFÉ: INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS, CERTIFICAÇÕES DE QUALIDADE, NORMAS VOLUNTÁRIAS DE SUSTENTABILIDADE E NEUTRALIDADE DE CARBONO

Danielle Mendes Thame Denny
Gustavo Verruma Bernardi
Rubmara Ketzer Oliveira
Rosebelly Nunes Marques

https://doi.org/10.37572/EdArt_06082617811

CAPÍTULO 12 206

A PRÁTICA DA AGRICULTURA REGENERATIVA NO CAFÉ DA ALTA MOGIANA

Gustavo Verruma Bernardi
Rubmara Ketzer Oliveira
Rosebelly Nunes Marques
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_06082617812

CAPÍTULO 13 218

O CAFÉ COMO NARRATIVA: STORYTELLING, TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE NOS CAFÉS DA ALTA MOGIANA

Rubmara Ketzer Oliveira
Anderson Victor dos Santos
Gustavo Verruma Bernardi
Sabrina Godinho Rebouças
Breno Rodrigues Acacio
Rosebelly Nunes Marques
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_06082617813

CAPÍTULO 14 238

AS EMOÇÕES E MOTIVAÇÕES NO CONSUMO DE CAFÉ

Laleska Rossi Moda
Breno Rodrigues Acacio
Eduardo Eugênio Spers

https://doi.org/10.37572/EdArt_06082617814

SOBRE OS ORGANIZADORES 247

ÍNDICE REMISSIVO 248

CAPÍTULO 12

A PRÁTICA DA AGRICULTURA REGENERATIVA NO CAFÉ DA ALTA MOGIANA

Data de submissão: 10/07/2026
Data de aceite: 24/07/2026

Gustavo Verruma Bernardi
Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz"
Universidade de São Paulo
https://orcid.org/0000-0003-2614-7361
http://lattes.cnpq.br/9056591378076503

Rubmara Ketzer Oliveira
Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz"
Universidade de São Paulo
https://orcid.org/0000-0001-6963-3074
http://lattes.cnpq.br/0088409300558989

Rosebelly Nunes Marques
Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz"
Universidade de São Paulo
https://orcid.org/0000-0002-8726-321
http://lattes.cnpq.br/7921735904003583

Eduardo Eugênio Spers
Escola Superior de Agricultura
"Luiz de Queiroz"
Universidade de São Paulo
https://orcid.org/0000-0002-8057-3460
http://lattes.cnpq.br/7800954800978254

RESUMO: Este estudo analisa a prática da agricultura regenerativa na região da Indicação Geográfica (IG) Alta Mogiana, importante território produtor de cafés especiais no estado de São Paulo. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e exploratório-analítica, baseada em observações realizadas durante visita técnica a propriedades cafeeiras e em diálogos com produtores, técnicos e demais atores da cadeia produtiva. Os dados empíricos foram interpretados à luz da literatura científica, com destaque para a perspectiva crítica de Giller et al. (2021). Os resultados indicam que a agricultura regenerativa ocupa posição central nos discursos locais, sendo associada à sustentabilidade, à qualidade do produto e à valorização territorial. Foram observadas práticas como cobertura vegetal do solo, uso de matéria orgânica, conservação hídrica, racionalização de insumos e adoção de soluções biológicas para o manejo de pragas. Contudo, verificou-se grande heterogeneidade nas interpretações e aplicações do conceito, que frequentemente incorpora práticas já presentes em sistemas conservacionistas. A análise sugere que a agricultura regenerativa atua não apenas como um conjunto de práticas agronômicas, mas também como uma narrativa de diferenciação mercadológica e construção identitária. Conclui-se que sua materialização na Alta Mogiana é altamente

contextualizada, resultando da interação entre exigências produtivas, demandas de mercado, objetivos ambientais e estratégias de valorização territorial.
PALAVRAS-CHAVE: Indicação Geográfica; sustentabilidade; manejo do solo; diferenciação mercadológica; identidade territorial.

REGENERATIVE AGRICULTURE PRACTICES IN ALTA MOGIANA COFFEE PRODUCTION

ABSTRACT: This study analyzes the implementation of regenerative agriculture within the Geographical Indication (GI) region of Alta Mogiana, one of Brazil's leading specialty coffee-producing areas. A qualitative and exploratory-analytical approach was adopted, combining field observations conducted during a technical visit with informal interactions involving farmers, technicians, and other stakeholders from the coffee production chain. Empirical evidence was interpreted through a critical agronomic framework, particularly the perspective proposed by Giller et al. (2021). The findings reveal that regenerative agriculture plays a central role in local narratives, being closely linked to sustainability, product quality, and territorial valorization. Observed practices included soil cover management, organic matter enhancement, water conservation, input rationalization, and the use of biological pest-control strategies. However, significant variability was identified in how stakeholders define and apply the concept. Many practices described as regenerative overlap with long-established conservation-oriented approaches. The study argues that regenerative agriculture functions not only as a technical framework but also as a symbolic and market-oriented narrative that supports product differentiation and territorial identity. The results highlight the importance of considering local environmental, economic, and social conditions when evaluating regenerative approaches. Rather than a fixed set of universally applicable practices, regenerative agriculture emerges as a context-dependent concept shaped by interactions among sustainability goals, market pressures, knowledge networks, and territorial development strategies.
KEYWORDS: Geographical Indication; sustainability; soil management; market differentiation; rerritorial Identity.

1. INTRODUÇÃO

A visita técnica à região da Indicação Geográfica Alta Mogiana, evidenciou não apenas a recorrência, mas também a centralidade do conceito de "agricultura regenerativa" nos discursos de produtores, técnicos, consultores e demais agentes vinculados à cadeia produtiva do café. A utilização do termo não se restringiu a referências pontuais ou superficiais; ao contrário, o conceito foi mobilizado como elemento estruturante das narrativas relacionadas às práticas de manejo, à qualidade do produto e à própria identidade produtiva regional. Nas diferentes propriedades visitadas, a agricultura regenerativa foi apresentada como um importante marcador de diferenciação, frequentemente associada à produção de cafés especiais, à adoção de práticas consideradas ambientalmente sustentáveis e à construção de uma imagem

produtiva pautada na responsabilidade socioambiental. Dessa forma, observou-se que o conceito extrapola a dimensão estritamente técnica, assumindo também uma função simbólica e estratégica nos processos de valorização territorial e de legitimação das práticas agrícolas vinculadas à Indicação Geográfica (IG).

Esse movimento ganha relevância em um contexto regional marcado pela forte especialização cafeeira da Alta Mogiana, inserida em um dos principais estados produtores de café arábica do Brasil. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2026), o estado de São Paulo apresenta estimativa de produção de 5,5 milhões de sacas na safra 2026, com crescimento previsto de 16% em relação ao ciclo anterior, impulsionado pela bienalidade positiva e pela recuperação de áreas afetadas na safra precedente. Nesse cenário, a Alta Mogiana destaca-se pela predominância de áreas localizadas em elevadas altitudes, associadas a condições edafoclimáticas favoráveis à produção de cafés de alta qualidade, além de apresentar crescente inserção em mercados de cafés diferenciados e especiais (Ronquim et al., 2023).

Além disso, a expansão do segmento de cafés especiais na região tem sido acompanhada pela crescente adoção de mecanismos de rastreabilidade, certificações de sustentabilidade e protocolos de produção responsáveis. Essas práticas reforçam a diferenciação do produto no mercado e fortalecem a associação entre qualidade sensorial, origem controlada e desempenho socioambiental, características cada vez mais valorizadas pelos consumidores e pelos mercados internacionais (Wright et al., 2024; Sera et al., 2025). Estudos relacionados à cafeicultura da Alta Mogiana também destacam a importância de estratégias sustentáveis e de adaptação climática para a manutenção da competitividade regional (Torres et al., 2022).

Mais do que um conjunto delimitado de técnicas, a agricultura regenerativa emergiu como um referencial normativo, isto é, um objetivo desejável de práticas, e, simultaneamente, como um elemento identitário da IG. Produtores frequentemente a associam à ideia de “fazer o café certo”, não apenas do ponto de vista agronômico, mas também ético e ambiental. Nesse sentido, o conceito opera em múltiplas camadas: técnica, simbólica e mercadológica. Ele conecta práticas de manejo do solo, como cobertura vegetal, incremento de matéria orgânica, diversificação biológica e redução do revolvimento, a atributos intangíveis do produto final, como qualidade sensorial, rastreabilidade e sustentabilidade percebida pelo consumidor. Em nível regional, essa associação encontra respaldo em transformações recentes na cafeicultura da Alta Mogiana, incluindo maior adoção de sistemas conservacionistas, uso de plantas de cobertura, estratégias de conservação hídrica e práticas voltadas ao aumento da resiliência climática e da saúde do solo (Torres et al., 2022; Souza et al., 2025). Tais

práticas convergem com os princípios da agricultura regenerativa, que enfatizam a recuperação dos processos ecológicos, o fortalecimento da biodiversidade e a melhoria das condições edáficas dos sistemas produtivos (Le et al., 2021).

Tal dinâmica também dialoga com tendências globais do mercado cafeeiro, nas quais atributos ambientais, certificações, rastreabilidade e narrativas de sustentabilidade têm se tornado importantes mecanismos de diferenciação e agregação de valor econômico e reputacional aos territórios produtores (Wright et al., 2024; Sera et al., 2025; Guimarães et al., 2026).

No entanto, essa centralidade discursiva não é isenta de tensões. A amplitude do termo e sua capacidade de acomodar diferentes interpretações levantam uma questão analítica fundamental: trata-se de um conceito agronomicamente consistente, com bases teóricas e operacionais bem definidas, ou de uma categoria ampla, agregadora e, em certa medida, ambígua, cuja força reside mais na sua capacidade de mobilização do que na sua precisão técnica? Em outras palavras, até que ponto a agricultura regenerativa, tal como mobilizada no contexto da Alta Mogiana, constitui um referencial técnico estruturado, e até que ponto ela funciona como uma narrativa que organiza e legitima práticas já existentes? Essa ambiguidade torna-se particularmente relevante em regiões onde a sustentabilidade passa a desempenhar papel estratégico na diferenciação territorial e mercadológica da produção agrícola, especialmente em cadeias de alto valor agregado como a do café especial (Wright et al., 2024; Gordon et al., 2023). Além disso, a ausência de definições universalmente consolidadas para agricultura regenerativa faz com que diferentes agentes (empresas, certificadoras, cooperativas e produtores) mobilizem o termo de maneiras distintas, frequentemente combinando dimensões ecológicas, produtivas e comerciais (Newton et al., 2020; Jayasinghe et al., 2023; Sands et al., 2023). Nesse contexto, compreender como o conceito é apropriado territorialmente na Alta Mogiana torna-se central para analisar não apenas mudanças técnicas nos sistemas produtivos, mas também os processos de construção simbólica e institucional da sustentabilidade na cafeicultura contemporânea (Page & Witt, 2022; Zinsli & Villota-Jetzer, 2026).

2. O QUE É AGRICULTURA REGENERATIVA?

Para enfrentar essa questão, este capítulo articula as evidências empíricas observadas durante a visita técnica à Alta Mogiana com a análise crítica proposta por Giller et al. (2021), que examina a agricultura regenerativa a partir de uma perspectiva agronômica rigorosa. Os autores destacam que, apesar da crescente popularidade do termo, especialmente a partir de meados da década de 2010, quando passa a ganhar

visibilidade em debates acadêmicos, políticas públicas e estratégias corporativas, há uma notável ausência de consenso quanto à sua definição, seus objetivos e seus mecanismos de funcionamento (Newton et al., 2020; Jayasinghe et al., 2023; Page & Witt, 2022).. Essa indefinição não é apenas um detalhe conceitual, mas um elemento estruturante do próprio fenômeno, permitindo que diferentes atores se apropriem do termo de acordo com seus interesses, escalas de atuação e contextos específicos. Tal plasticidade conceitual ajuda a explicar a rápida disseminação da agricultura regenerativa em cadeias agroalimentares globais, especialmente em setores voltados a mercados premium e consumidores sensíveis a atributos socioambientais, como o café especial (Wright et al., 2024; Sera et al., 2025).

Nesse sentido, a agricultura regenerativa é simultaneamente mobilizada por organizações da sociedade civil, movimentos ambientalistas, empresas multinacionais do setor alimentício, certificadoras, consultores técnicos e produtores rurais. Cada um desses atores tende a enfatizar dimensões distintas do conceito: enquanto alguns priorizam a restauração ecológica, o sequestro de carbono e a redução de impactos ambientais, outros destacam ganhos de produtividade, resiliência climática, saúde do solo ou agregação de valor ao produto final (Page & Witt, 2022; Tittonell et al., 2022; Sands et al., 2023). Essa multiplicidade de interpretações contribui para a difusão do termo, mas também dificulta sua delimitação analítica e sua avaliação empírica. No contexto da Alta Mogiana, essa heterogeneidade mostrou-se particularmente evidente, uma vez que diferentes produtores associavam a agricultura regenerativa a práticas bastante diversas, incluindo uso de plantas de cobertura, redução do uso de agroquímicos, aumento da matéria orgânica do solo, conservação hídrica, integração de árvores ao sistema produtivo e até melhorias na qualidade sensorial do café (Le et al., 2021; Duque, 2025; Gowda et al., 2025). Em muitos casos, práticas historicamente já presentes em sistemas conservacionistas passaram a ser reinterpretadas e comunicadas sob o rótulo regenerativo, indicando que o conceito também opera como uma linguagem de legitimação e reposicionamento mercadológico (Gordon et al., 2023; Page & Witt, 2022).

Do ponto de vista histórico, o conceito de agricultura regenerativa remonta às décadas de 1970 e 1980, com forte influência do Rodale Institute, sendo inicialmente associado a sistemas que buscavam aumentar a fertilidade do solo, reduzir impactos ambientais e promover maior autonomia produtiva por meio da redução da dependência de insumos externos (Newton et al., 2020; Giller et al., 2021). Nesse período, o conceito estava fortemente vinculado ao movimento da agricultura orgânica e a abordagens sistêmicas que enfatizavam a interdependência entre solo, plantas, animais e seres

humanos. A centralidade atribuída ao solo permanece até hoje como um dos principais elementos mobilizados pela agricultura regenerativa, especialmente por meio de discursos relacionados à saúde do solo, ciclagem biológica de nutrientes e captura de carbono (Newton et al., 2020; Le et al., 2021). Na cafeicultura, essa ênfase ganha importância adicional devido à crescente preocupação com erosão, perda de matéria orgânica e vulnerabilidade climática em regiões produtoras (Torres et al., 2022; Souza et al., 2025).

Contudo, como destacam Giller et al. (2021), o ressurgimento recente do termo ocorre em um contexto distinto, marcado por uma crescente preocupação com mudanças climáticas, perda de biodiversidade, degradação dos solos e sustentabilidade dos sistemas agroalimentares (Tittonell et al., 2022; Wright et al., 2024). Nesse novo cenário, a agricultura regenerativa passa a funcionar como uma espécie de "guarda-chuva conceitual", rearticulando elementos de diferentes correntes já estabelecidas, como a agroecologia, a agricultura orgânica, a agricultura conservacionista e a intensificação sustentável. Essa rearticulação não implica necessariamente a introdução de práticas inéditas, mas sim uma nova forma de enquadrar, valorizar e comunicar práticas já existentes, conferindo-lhes um sentido renovado e, muitas vezes, mais alinhado às demandas contemporâneas de sustentabilidade, rastreabilidade e governança ambiental. Na cadeia do café, particularmente no segmento de cafés especiais, esse processo também se conecta à crescente valorização de atributos ambientais e territoriais como mecanismos de diferenciação econômica e reputacional (Sera et al., 2025; Guimarães et al., 2026; Wright et al., 2024). Assim, mais do que um modelo técnico homogêneo, a agricultura regenerativa parece constituir um campo discursivo em disputa, no qual diferentes atores negociam significados, legitimidades e formas de valorização da sustentabilidade agrícola (Page & Witt, 2022; Tittonell et al., 2022; Gordon et al., 2023).

3. ABRANGÊNCIA DO TERMO

Essa ambiguidade conceitual se expressa de maneira particularmente clara nas formas de definição do termo. Em alguns casos, a agricultura regenerativa é caracterizada por um conjunto relativamente bem delimitado de práticas agronômicas, como o plantio direto, o uso de plantas de cobertura, uso de biológicos, a rotação de culturas, a integração de sistemas e a incorporação de matéria orgânica ao solo. Nessa perspectiva, o foco está nos meios, ou seja, nas técnicas e manejos adotados no campo. Em outros casos, entretanto, o conceito é definido a partir de resultados esperados, como o aumento do estoque de carbono no solo, a melhoria da biodiversidade, a recuperação de funções ecológicas e a restauração de serviços ecossistêmicos.

Essa dualidade, confere ao conceito uma notável flexibilidade, permitindo sua adaptação a diferentes contextos produtivos e institucionais. No entanto, essa mesma flexibilidade representa um desafio significativo do ponto de vista científico e operacional. A ausência de critérios claros e universalmente aceitos dificulta a mensuração de resultados, a comparação entre sistemas e a avaliação da efetividade das práticas associadas à agricultura regenerativa. Além disso, abre espaço para interpretações divergentes e, em alguns casos, para o uso estratégico do termo como instrumento de diferenciação mercadológica, independentemente de mudanças substantivas nos sistemas produtivos.

Do ponto de vista teórico, a agricultura regenerativa se ancora fortemente na ideia de que o sistema agroalimentar global enfrenta duas grandes crises: a degradação dos solos e a perda de biodiversidade. A saúde do solo, em particular, ocupa posição central nesse discurso. No entanto, conforme argumentam Giller et al. (2021), o conceito de "soil health" é, em si, um constructo amplo e pouco preciso, que agrega múltiplas funções e atributos, frequentemente com trade-offs entre si. Práticas que favorecem determinados aspectos da saúde do solo, como o aumento da atividade biológica, podem, simultaneamente, gerar impactos negativos em outras dimensões, como emissões de gases de efeito estufa ou lixiviação de nutrientes.

De forma análoga, a crise da biodiversidade é frequentemente associada à simplificação dos sistemas agrícolas (Gámez-Virués et al., 2015; Schmid & Schöb, 2023; García-Vega et al., 2024), especialmente à expansão de monoculturas e ao uso intensivo de insumos químicos. Embora essas relações sejam amplamente reconhecidas, os autores alertam que a biodiversidade deve ser analisada em múltiplas escalas, da parcela ao nível da paisagem, e que intervenções no nível da propriedade nem sempre resultam em ganhos significativos em termos ecológicos mais amplos. Além disso, a magnitude e a natureza dessas crises variam substancialmente entre contextos, o que limita a aplicabilidade de soluções generalizadas.

Nesse cenário, a agricultura regenerativa propõe um conjunto de práticas agronômicas que visam restaurar funções ecológicas dos sistemas produtivos. Entre os princípios mais recorrentes estão a minimização do revolvimento do solo, a manutenção de cobertura vegetal, o aumento do teor de matéria orgânica, a diversificação de espécies cultivadas, a integração entre componentes agrícolas e pecuários e a redução da dependência de insumos externos. No entanto, como enfatizam Giller et al. (2021), muitas dessas práticas já integram o repertório consolidado das chamadas "boas práticas agrícolas" e não são exclusivas da agricultura regenerativa.

4. METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, este capítulo adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório-analítico, combinando observação direta em campo com análise interpretativa fundamentada na literatura agronômica. A base empírica deriva da visita técnica realizada na região da Alta Mogiana, durante a qual foram conduzidas observações sistemáticas em propriedades cafeeiras, acompanhadas por interações com produtores, técnicos e outros atores da cadeia produtiva. Essas interações ocorreram predominantemente em formato de conversas abertas e não estruturadas, permitindo captar não apenas informações sobre práticas agrícolas, mas também percepções, valores e narrativas associadas à agricultura regenerativa.

A observação em campo foi orientada por um conjunto de categorias analíticas previamente definidas a partir da literatura, especialmente do referencial proposto por Giller et al. (2021). Essas categorias incluem aspectos relacionados ao manejo do solo (como cobertura vegetal, revolvimento e uso de matéria orgânica), à diversidade dos sistemas produtivos, ao manejo de insumos, à integração de componentes ecológicos e à presença de elementos de conservação ambiental, tanto nos discursos quanto na realidade da produção. Ao mesmo tempo, buscou-se identificar como essas práticas eram interpretadas e justificadas pelos próprios produtores, evidenciando possíveis convergências ou dissonâncias entre o discurso e a prática.

Além da dimensão técnica, a análise incorporou uma perspectiva discursiva, considerando a agricultura regenerativa como um conceito em disputa e construção. Nesse sentido, as falas dos atores locais foram analisadas não apenas como descrições de práticas, mas como expressões de enquadramentos interpretativos que articulam sustentabilidade, qualidade e identidade territorial. Essa abordagem permite compreender a agricultura regenerativa não apenas como um conjunto de técnicas agronômicas, mas como um dispositivo simbólico que organiza percepções e orienta decisões no contexto produtivo.

A interpretação dos dados empíricos foi realizada por meio de um processo de triangulação com a literatura científica, buscando situar as práticas observadas dentro de um debate mais amplo sobre sustentabilidade agrícola. O artigo de Giller et al. (2021) foi utilizado como eixo teórico central, especialmente por sua abordagem crítica, que enfatiza a necessidade de contextualização das práticas e questiona a universalidade das soluções propostas sob o rótulo de agricultura regenerativa. A partir desse referencial, as evidências de campo foram analisadas à luz de questões-chave, como a natureza dos problemas enfrentados, os mecanismos agronômicos mobilizados e a viabilidade das práticas no contexto específico da cafeicultura da Alta Mogiana.

Por fim, é importante destacar que esta análise não pretende produzir uma avaliação exaustiva ou generalizável da agricultura regenerativa na região, mas sim oferecer uma leitura situada e crítica, capaz de evidenciar a complexidade e a heterogeneidade das práticas observadas. Ao privilegiar a articulação entre empiria e teoria, o capítulo busca contribuir para uma compreensão mais refinada do papel da agricultura regenerativa em sistemas agrícolas de alto valor agregado, como aqueles associados a indicações geográficas de café.

5. OBSERVAÇÕES E RESULTADOS

As observações realizadas na Alta Mogiana indicam que diversos produtores adotam de fato práticas alinhadas a esses princípios. A manutenção de cobertura do solo, com Braquiária nas entrelinhas, é relativamente comum, assim como a redução do revolvimento em determinadas áreas. O uso de matéria orgânica, a preocupação com a estrutura do solo e a valorização de áreas de preservação permanente também foram recorrentes. Em alguns casos, observou-se a diversificação de sistemas produtivos e a incorporação de elementos arbóreos, embora a predominância da monocultura do café ainda seja marcante.

No que se refere ao manejo de insumos, verificou-se uma tendência à racionalização do uso de fertilizantes e defensivos, substituídos frequentemente por soluções biológicas, como inimigos naturais, por exemplo, para o combate às brocas nos frutos. Esse aspecto é particularmente relevante, pois contrasta com algumas interpretações mais radicais da agricultura regenerativa, que advogam a exclusão total de insumos externos.

A ficha de especificações técnicas da região, a qual dita e recomenda as práticas que os produtores devem seguir, apresenta trechos condizente com práticas regenerativas, como a frase “O sistema de produção deve estar de acordo com as técnicas de plantio, manejo, colheita, dentre outros procedimentos estabelecidos, tendo como pressuposto indispensável o uso de práticas mitigadoras dos impactos ambientais, especialmente a reutilização dos subprodutos”. Conforme argumentam Giller et al. (2021), sistemas agrícolas que não repõem nutrientes exportados pela colheita tendem, no longo prazo, à degradação da fertilidade do solo, especialmente em contextos tropicais.

A análise crítica dessas práticas, à luz do referencial teórico adotado, sugere que a agricultura regenerativa, na Alta Mogiana, opera menos como um modelo técnico claramente definido e mais como um campo de experimentação e adaptação local. Nesse sentido, a aplicação das cinco questões propostas por Giller et al. (2021), relativas ao problema a ser

resolvido, ao objeto da regeneração, aos mecanismos agronômicos envolvidos, à viabilidade econômica e às forças motrizes, revela a complexidade do fenômeno.

Em muitos casos, o "problema" que a agricultura regenerativa busca resolver não se limita à degradação ambiental, mas inclui também a necessidade de diferenciação no mercado de cafés especiais. O que está sendo "regenerado", portanto, pode não ser apenas o solo ou a biodiversidade, mas também a imagem do produto e sua inserção em cadeias de valor mais sofisticadas, que é o caso, muitas vezes, das Indicações Geográficas (Marescotti & Belletti, 2016). Os mecanismos agronômicos mobilizados variam entre propriedades e nem sempre são sustentados por evidências científicas robustas, sendo frequentemente baseados em experiências empíricas e trocas de conhecimento entre produtores.

A viabilidade econômica dessas práticas parece estar, em grande medida, associada ao acesso a nichos de mercado que remuneram atributos relacionados à sustentabilidade e à qualidade sensorial. Por fim, as forças que impulsionam a adoção da agricultura regenerativa incluem não apenas preocupações ambientais, mas também pressões de mercado, certificações, redes de conhecimento e a construção de uma identidade territorial associada à IG.

Esses elementos apontam para uma tensão central: embora a agricultura regenerativa apresente um potencial relevante como abordagem integradora, sua aplicação concreta é altamente dependente do contexto. A promoção de práticas descontextualizadas, sem consideração das condições edafoclimáticas, econômicas e sociais específicas, pode levar a resultados limitados ou até contraproducentes. Além disso, o uso indiscriminado do termo abre espaço para processos de "greenwashing" (Mambo & Lhermie, 2024; Newton et al., 2020; Page & Witt, 2022), nos quais práticas convencionais são reetiquetadas como regenerativas sem mudanças substantivas.

No contexto da Alta Mogiana, a agricultura regenerativa parece desempenhar um papel que transcende a dimensão estritamente agronômica. Ela atua como um elemento de construção narrativa, articulando sustentabilidade, qualidade e identidade territorial. Essa dimensão simbólica é particularmente relevante em sistemas de Indicação Geográfica, nos quais o valor do produto está intrinsecamente ligado ao território e às práticas produtivas associadas.

Em síntese, a análise realizada indica que a agricultura regenerativa não deve ser compreendida como um conjunto fixo e universal de práticas, mas como um conceito em construção, que combina elementos técnicos, ecológicos e discursivos. Na Alta Mogiana, sua materialização ocorre de forma heterogênea, refletindo tanto as especificidades

locais quanto às dinâmicas mais amplas do sistema agroalimentar. Nesse sentido, abordagens analíticas que considerem a complexidade e a contextualidade dos sistemas agrícolas são essenciais para evitar simplificações e para orientar estratégias efetivas de sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). Acompanhamento da safra brasileira de café: safra 2026, primeiro levantamento, v. 13, n. 1. Brasília: CONAB, fev. 2026. 62 p. ISSN 2318-7913. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-cafe/1o-levantamento-de-cafe-safra-2026/boletim-de-safras-cafe-fevereiro-26.pdf.> Acesso em: 28 maio 2026.

Duque, G. C. (2025). Identification of management practices and characterization of coffee farms in alta mogiana and southern minas gerais. *Brazil. April*. Disponível em: <https://edepot.wur.nl/691095>. Acesso em: 03 de Junho de 2026.

Gámez-Virués, S., Perović, D. J., Gossner, M. M., Börschig, C., Blüthgen, N., De Jong, H., ... & Westphal, C. (2015). Landscape simplification filters species traits and drives biotic homogenization. *Nature communications*, *6*(1), 8568.

García-Vega, D., Dumas, P., Prudhomme, R., Kremen, C., & Aubert, P. M. (2024). A safe agricultural space for biodiversity. *Frontiers in Sustainable Food Systems*, *8*, 1328800.

Giller, K. E., Hijbeek, R., Andersson, J. A., & Sumberg, J. (2021). Regenerative agriculture: an agronomic perspective. *Outlook on agriculture*, *50*(1), 13-25.

Gordon, E., Davila, F., & Riedy, C. (2023). Regenerative agriculture: a potentially transformative storyline shared by nine discourses. *Sustainability Science*, *18*(4), 1833-1849.

Guimarães, A. F., Schiavi, S. M. D. A., Pereira, J. A., & Machado, M. D. (2026). Governing specialty coffee value distribution: from formal mechanisms to relational contracts. *Frontiers in Sustainable Food Systems*, *10*, 1744218.

Jayasinghe, S. L., Thomas, D. T., Anderson, J. P., Chen, C., & Macdonald, B. C. (2023). Global application of regenerative agriculture: a review of definitions and assessment approaches. *Sustainability*, *15*(22), 15941.

Le, Q. V., Cowal, S., Jovanovic, G., & Le, D. T. (2021). A study of regenerative farming practices and sustainable coffee of ethnic minorities farmers in the central highlands of Vietnam. *Frontiers in Sustainable Food Systems*, *5*, 712733.

Mambo, T., & Lhermie, G. (2024). The futures for regenerative agriculture: insights from the organic movement and the tussle with industrial agriculture. *Frontiers in Sustainable Food Systems*, *8*, 1455024.

Marescotti, A., & Belletti, G. (2016). Differentiation strategies in coffee global value chains through reference to territorial origin in Latin American countries. *Culture & History Digital Journal*, *5*, 0-0.

Newton, P., Civita, N., Frankel-Goldwater, L., Bartel, K., & Johns, C. (2020). What is regenerative agriculture? A review of scholar and practitioner definitions based on processes and outcomes. *Frontiers in Sustainable Food Systems*, *4*, 577723.

Newton, P., Civita, N., Frankel-Goldwater, L., Bartel, K., & Johns, C. (2020). What is regenerative agriculture? A review of scholar and practitioner definitions based on processes and outcomes. *Frontiers in Sustainable Food Systems*, *4*, 577723.

Page, C., & Witt, B. (2022). A leap of faith: regenerative agriculture as a contested worldview rather than as a practice change issue. *Sustainability*, *14*(22), 14803.

Ronquim, C. C., Rodrigues, C. A. G., & Quartaroli, C. F. (2023). Características de uso e ocupação da cafeicultura em Divinolândia, SP.

Sands, B., Machado, M. R., White, A., Zent, E., & Gould, R. (2023). Moving towards an anti-colonial definition for regenerative agriculture. *Agriculture and Human Values*, *40*(4), 1697-1716.

Schmid, B., & Schöb, C. (2023). Ecological intensification of agriculture through biodiversity management: introduction. *Journal of Plant Ecology*, *16*(6), rtad018.

Sera, G. H., Volsi, B., Mariucci Júnior, V., Pereira, C. T. M., & Telles, T. S. (2025). Production and trade of specialty coffee in Brazil. *Scientific Reports*, *15*(1), 42403.

Souza, G. S. D., Domiciano, M. L., Sarnaglia, G. R., Pretti, I. R., Gonçalves, P. T., Kaulz, M., ... & Moreira, R. M. G. (2025). Cover crops in between-rows of Coffea canephora for reduction of soil erosion. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*, *49*, e0240061.

Tittonell, P., El Mujtar, V., Felix, G., Kebede, Y., Laborda, L., Luján Soto, R., & de Vente, J. (2022). Regenerative agriculture – agroecology without politics?. *Frontiers in Sustainable Food Systems*, *6*, 844261.

Torres, G. A., Zezzo, L. V., JOSÉ, R. V. D. S., Greco, R., & Coltri, P. P. (2022). Exposure to climate risk: A case study for coffee farming in the region of Alta Mogiana, São Paulo. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, *94*(suppl 4), e20211379.

Wright, D. R., Bekessy, S. A., Lentini, P. E., Garrard, G. E., Gordon, A., Rodewald, A. D., ... & Selinske, M. J. (2024). Sustainable coffee: A review of the diverse initiatives and governance dimensions of global coffee supply chains. *Ambio*, *53*(7), 984-1001.

Zinsli, M., & Villota-Jetzer, R. (2026). Grounding coffee value in territory: Localised agro-food systems and the implementation of geographical indication in the global South. *The International Journal of Sociology of Agriculture and Food*, *32*(1), 87-103.

SOBRE OS ORGANIZADORES

RUBMARA KETZER OLIVEIRA

Departamento de Economia, Administração e Sociologia – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo (ESALQ/USP). Av. Pádua Dias, 11 – Piracicaba, SP – Brasil.

Pós-doutoranda (Bolsa FAPESP no 2024/17498-6) na Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ/USP). Possui graduação em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestrado e doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo (ESALQ/USP). Possui MBA em Gestão Escolar e MBA em Data Science & Analytics (USP), além de especialização em Solos e Nutrição de Plantas (ESALQ/USP). Seus interesses de pesquisa e atuação profissional concentram-se nas áreas de Gestão, Educação, Inovação e Tecnologias.

Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6963-3074

EDUARDO EUGÊNIO SPERS

Departamento de Economia, Administração e Sociologia – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo (ESALQ/USP). Av. Pádua Dias, 11 – Piracicaba, SP – Brasil.

Realizou pós-doutorado na Wageningen University & Research (WUR – Países Baixos) e doutorado em Administração na Universidade de São Paulo (USP – Brasil). Atualmente é pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), professor titular e chefe do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8057-3460

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agregação de valor 15, 50, 63, 69, 75, 94, 96, 102, 104, 112, 115, 154, 155, 159, 160, 163, 166, 173, 174, 178, 186, 189, 192, 201, 209, 210, 219, 227, 230, 233, 236
Alta Mogiana 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 49, 76, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 170, 176, 181, 183, 184, 185, 186, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 221, 222, 227, 230, 232, 239, 241, 243, 245
Autenticidade alimentar 219, 233, 236

C

Cadeia do café 51, 58, 75, 92, 171, 178, 179, 180, 184, 185, 189, 192, 193, 199, 211
Café 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 33, 39, 40, 42, 43, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 146, 155, 156, 159, 164, 165, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 216, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246
Café especial 1, 2, 3, 6, 7, 59, 69, 82, 109, 121, 164, 209, 210, 219, 224, 225, 226, 228, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238
Cafeicultura 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 21, 23, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 46, 47, 49, 50, 51, 59, 61, 74, 75, 77, 78, 82, 86, 88, 89, 93, 101, 103, 105, 109, 111, 113, 115, 116, 141, 156, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 180, 181, 182, 184, 190, 195, 201, 204, 208, 209, 211, 213, 217, 224, 227, 232
Cafés especiais 1, 2, 3, 6, 11, 15, 16, 17, 19, 20, 23, 25, 26, 27, 29, 35, 37, 38, 40, 46, 47, 49, 58, 59, 61, 68, 69, 72, 77, 82, 84, 90, 91, 97, 98, 101, 104, 105, 107, 108, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 126, 129, 139, 141, 163, 165, 173, 174, 180, 181, 195, 201, 206, 207, 208,

211, 215, 218, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 236, 238, 239, 243, 244, 245
Carbono orgânico 26, 27, 29, 43, 44, 45, 46, 48, 49
Comportamento do consumidor 83, 109, 238
Comunicação mercadológica 219
Conflito 132, 134, 135, 136, 141, 146, 147, 148, 149, 153, 155, 160, 161, 162
Consumo simbólico 219, 236, 237
Coordenação 22, 51, 52, 59, 61, 75, 76, 92, 96, 97, 108, 112, 113, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 139, 141, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 161, 178, 190, 191, 192, 195, 197, 199

D

Desenvolvimento regional 16, 17, 23, 25, 76, 81, 92, 96, 108, 110, 111
Desenvolvimento territorial 9, 11, 15, 16, 18, 21, 22, 23, 24, 50, 77, 78, 92, 94, 100, 103, 105, 106, 123, 141, 145, 160, 164, 170, 174, 176, 177, 184, 200
Diferenciação mercadológica 108, 109, 112, 120, 146, 148, 178, 189, 192, 206, 207, 212, 228

E

Economia da experiência 219, 236, 237
Ecossistema de inovação 146, 150
Educação rural 164
Emoções 238, 239, 240, 241, 242, 243, 245, 246
Empreendedorismo 94, 173, 175
Engajamento 1, 3, 5, 7, 8, 116, 120, 156, 169, 194, 220
Ensino técnico 164, 167, 168, 174, 175, 176, 177
Extensão rural 60, 77, 94, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106

F

Formação territorial 9, 10, 23

G

Generatividade 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 157, 158, 160, 161
Governança 15, 16, 18, 21, 22, 23, 24, 50, 61, 77, 78, 94, 95, 96, 98, 99, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 129, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 171, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 199, 202, 203, 211

Governança territorial 5, 18, 95, 96, 99, 105, 106, 108, 110, 112, 113, 116, 135, 146, 148, 151, 160, 184, 192

I

Identidade 13, 15, 16, 18, 22, 23, 24, 27, 37, 47, 49, 76, 90, 100, 103, 105, 109, 110, 111, 112, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 138, 142, 144, 157, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 169, 170, 177, 188, 195, 197, 207, 213, 215, 218, 220, 221, 222, 224, 226, 227, 230, 232, 237
Identificação Geográfica 1, 5
Indicação Geográfica 1, 2, 3, 5, 7, 9, 11, 15, 16, 21, 26, 27, 28, 33, 38, 40, 46, 49, 80, 82, 83, 84, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 135, 137, 143, 144, 145, 150, 159, 160, 163, 165, 166, 170, 176, 199, 206, 207, 208, 215, 238, 244, 245
Indicações Geográficas 2, 9, 11, 15, 17, 21, 22, 23, 24, 50, 52, 58, 75, 76, 78, 80, 81, 83, 84, 87, 89, 90, 92, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 134, 142, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 164, 166, 167, 169, 170, 176, 178, 179, 180, 184, 187, 193, 194, 204, 214, 215, 219, 220, 231, 236, 237, 238

M

Manejo do solo 201, 207, 208, 213
Marketing territorial 122, 219, 231, 233, 236, 237
Mercado mundial de café 51
Motivação 238, 239, 242, 243, 244

N

Neutralidade de carbono 178, 179, 181, 188, 189, 192, 199

O

Origem 4, 6, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 53, 56, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 88, 89, 90, 92, 97, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 120, 121, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 139, 141, 142, 146, 148, 149, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 174, 177, 178, 180, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 208, 221, 222, 225, 226, 227, 230, 232, 233, 236, 238, 241, 243, 244, 245

P

Planejamento estratégico 97, 108, 109, 110, 118, 120, 175

Poder 6, 7, 16, 124, 127, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 160, 161, 162, 167, 179, 201

R

Regulamentos oficiais 94
Resiliência produtiva 27, 188

S

SAG do café 51, 52, 58, 59, 60, 61, 71, 73, 74, 75
Sensoriamento remoto 27, 29, 42
Setor cafeeiro 51, 52, 111, 113, 115, 142, 144, 169, 170, 173, 174, 178, 181, 185
SSGI 179, 184, 185, 194, 196, 199
Stakeholders 1, 2, 3, 5, 6, 7, 108, 207
Sustentabilidade 5, 9, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 29, 35, 37, 38, 43, 46, 47, 49, 50, 60, 72, 73, 74, 77, 78, 83, 89, 103, 104, 107, 112, 117, 118, 121, 136, 140, 141, 143, 164, 167, 171, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 219, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 235, 236

T

Território 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 24, 29, 46, 48, 49, 76, 82, 83, 84, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 102, 103, 105, 107, 109, 110, 111, 113, 116, 117, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 170, 176, 177, 178, 184, 185, 187, 191, 194, 197, 200, 206, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 226, 227, 230, 232, 235, 236, 238, 241, 243, 244
Turismo rural 7, 9, 100, 103, 116, 117, 141, 199, 201

V

Variabilidade climática 27, 32

EDITORA ARTEMIS
2026